

## **A NATURALIZAÇÃO DA MISOGINIA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE ÓDIO ENTRE ADOLESCENTES NA PLATAFORMA X**

Maria Amália Ribeiro Marques<sup>1</sup>  
João Flávio de Almeida<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa como o discurso de ódio misógeno se manifesta e se propaga entre jovens na rede social X. A partir de uma imersão netnográfica, foram coletados e analisados prints de postagens reais que evidenciam a presença de conteúdos misóginos, violentos e discriminatórios. Com base na Análise do Discurso de linha francesa, busca-se compreender os sentidos produzidos nesses enunciados e as formações ideológicas que os sustentam. O estudo evidencia como o ambiente digital do X, marcado pela visibilidade, pela circulação rápida e pela ausência de mediação efetiva, favorece a legitimação simbólica e a banalização do ódio entre seus usuários.

**Palavras-chave:** Discurso de ódio; X; etnografia digital; análise do discurso; ideologia.

### **1 - INTRODUÇÃO**

O discurso de ódio é uma forma de comunicação que utiliza palavras, expressões ou símbolos para ofender, humilhar ou excluir pessoas ou grupos com base em características como raça, gênero, orientação sexual, religião ou origem. É por meio da linguagem que as palavras agem sobre o mundo e produzem efeitos reais, revelando seu caráter performativo (BUTLER, 1997).

Dentre todos os tipos possíveis de discurso de ódio, destaca-se no presente artigo a misoginia. Federici (2004) considera a misoginia como um projeto político e social profundamente enraizado na consolidação do sistema capitalista. Nesse contexto, a misoginia operou como um instrumento de divisão social e de exploração econômica, justificando a coerção e a desigualdade sob a aparência de

---

<sup>1</sup> Bacharel em Jornalismo pela UNAERP: E-mail: mariaamaliarm2001@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor pelo PPGCTS, UFSCar. E-mail: joaalmeida@unaerp.br

uma nova ordem racional e civilizada. O apoio de instituições religiosas, intelectuais e políticas consolidou a visão da mulher como ser inferior e subordinado, legitimando sua dominação.

Esse fenômeno é ilustrado na série *Adolescência* (2025), da Netflix, que acompanha a história de Jamie, de 13 anos, que acaba preso por esfaquear uma colega de escola. O conflito surge a partir de interações virtuais carregadas de símbolos e emojis, em que a vítima insinuava que ele era incel, evidenciando como conteúdos aparentemente “inofensivos” podem produzir efeitos reais e violentos.

Porém, situações como essas não estão limitadas à ficção. Pedro Ricardo Conceição da Rocha, de 19 anos, ou "King" como era conhecido, foi condenado a 24 anos de prisão por chefiar um servidor no Discord onde promovia automutilações ao vivo, estupros virtuais e pornografia infantil. As transmissões eram organizadas como eventos, com venda de "ingressos virtuais" e hierarquização entre usuários. (G1, 2024).

Tendo isso em vista, este artigo, tem como objetivo relatar e denunciar o que foi encontrado durante um processo de investigação e documentação desse universo. Trata-se de registros exploratórios, com prints, que buscam evidenciar práticas, dinâmicas, conteúdos e comportamentos que têm crescido em ambientes digitais frequentados majoritariamente por adolescentes e jovens adultos, principalmente do sexo masculino, e que, muitas vezes, passam despercebidos.

Uma pesquisa realizada pela Exploding Topics aponta que a maior parte dos usuários do X é composta por pessoas com menos de 35 anos, representando 51,95% da base. Em relação ao recorte de gênero, os dados indicam predominância masculina, com 63,7% dos usuários sendo do sexo masculino.

O Twitter, renomeado como X após sua aquisição por Elon Musk, é uma plataforma de microblogging onde os usuários publicam mensagens curtas e interagem por meio de curtidas, respostas e retuïtes (Support X, 2025). A agilidade da comunicação e a visibilidade pública das postagens tornaram o Twitter um espaço fértil para o debate social e político, mas também para a disseminação de

desinformação, discurso de ódio e práticas de perseguição em massa. O uso de perfis anônimos e linguagens cifradas colabora para que comunidades extremistas atuem de forma ativa, tendo seu início normalmente por lá, ao recrutar jovens que propagam ideologias nocivas com aparência de humor ou crítica social.

A Análise de Discurso, uma das metodologias utilizadas na pesquisa, busca identificar como sentidos, significados e relações de poder são construídos e reproduzidos por meio da linguagem, permitindo compreender não apenas o que é dito, mas também as condições sociais e ideológicas que estruturam os discursos.

Outra metodologia utilizada é a netnografia, que para entender, deve-se voltar à etnografia clássica, que consiste em uma metodologia clássica das ciências sociais, especialmente da antropologia, que busca compreender os significados e comportamentos de um grupo a partir da imersão do pesquisador em seu cotidiano. O objetivo é interpretar práticas, crenças e relações sociais "de dentro", ou seja, a partir da perspectiva dos próprios membros da comunidade estudada.

O ponto a focar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato — a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados — é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário (Gaartz, 2008, p.7).

Com o crescimento das interações mediadas por tecnologias digitais, surge a netnografia, ou etnografia digital. Proposta inicialmente por Robert Kozinets (2010), essa abordagem permite que o pesquisador investigue como as pessoas constroem sentidos, identidades e laços sociais em plataformas digitais, fóruns, redes sociais e outros espaços virtuais. Assim como na etnografia tradicional, a netnografia exige uma imersão prolongada, podendo ser participativa ou apenas observacional, aberta ou disfarçada, conforme os objetivos da pesquisa.

O levantamento desta pesquisa foi feito na plataforma X. Foram pesquisadas comunidades ligadas principalmente ao movimento incel (involuntariamente celibatários) e, a partir dos seguidores e interações dessas contas, foram identificados perfis que reproduziam os discursos coniventes com a análise.

A seleção do material foi realizada entre abril e maio de 2025, a partir de buscas direcionadas por palavras-chave associadas a conteúdos ofensivos, discursos discriminatórios e expressões de ódio, principalmente contra mulheres. Para se aproximar desses usuários, foi desenvolvido um perfil com características similares às observadas nos integrantes dessas comunidades.

## **2 - REFERENCIAL TEÓRICO: ANÁLISE DO DISCURSO**

A análise do discurso no contexto dos discursos de ódio misóginos em redes sociais, como o X, é fundamental para compreender as raízes históricas dos pensamentos que sustentam tais práticas de violência simbólica no ambiente digital. Por meio dessa abordagem, torna-se possível identificar não apenas as características que estruturam a misoginia enquanto discurso, mas também entender como os sujeitos envolvidos se constituem social e ideologicamente para reproduzir e difundir essas ideias. Além disso, essa análise permite refletir sobre as razões pelas quais esses indivíduos se sentem autorizados e confortáveis a expressar tais pensamentos com tamanha naturalidade.

No contexto da misoginia, torna-se essencial compreender quais discursos e ideologias interpelam e recrutam os sujeitos, neste caso, os meninos e usuários dessas redes, e de que maneira as formações discursivas às quais pertencem possibilitam a reprodução e a naturalização desses pensamentos. Um dos principais pontos de partida da proposta pecheutiana é que a língua até pode ser a mesma para uma quantidade muito grande de sujeitos, mas os discursos se diferem e os atravessam de diferentes maneiras, como se vê na citação abaixo:

Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo discurso: a língua se apresenta, assim,

como a base comum de processos discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que, como mostramos mais acima, os processos ideológicos simulam os processos científicos (Pêcheux, 1995, p. 91).

O cerne de toda análise parte do próprio discurso, entendido aqui não apenas como um simples enunciado, mas como um conjunto de sentidos produzidos historicamente, atravessados por ideologias, posições de sujeito e relações de poder. Analisar a misoginia como discurso implica reconhecer que ela não surge de forma isolada, mas se constrói a partir de formações discursivas que reiteram, sustentam e legitimam a desigualdade entre homens e mulheres.

### **3 - DISCURSO: UMA ANÁLISE SOBRE O EXERCÍCIO DO ÓDIO EXPLÍCITO**

Na perspectiva da AD, o discurso é o espaço onde língua e linguagem se inscrevem na história, e onde os sentidos são produzidos a partir das condições ideológicas e sociais de cada tempo. O discurso traz marcas das posições que os sujeitos ocupam na sociedade, refletindo e reproduzindo as relações de poder que atravessam o campo social. Analisar o discurso é compreender como a ideologia estrutura o modo de dizer e de pensar, orientando o que pode ser dito e o que é excluído do campo do sentido.

O ato de falar é o ato de separar, distinguir, e paradoxalmente vislumbrar o silêncio e evitá-lo. Esse gesto disciplina o significar, pois já é um projeto de descentralização do sentido. A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, o sentido e sujeito se movem largamente (Orlandi, p.27, 1997).

Pode-se dizer que o discurso é um espaço de disputa, no qual os sentidos são constantemente colocados à prova. Portanto, é papel do analista evidenciar esses mecanismos de produção de sentido, mostrando que o que parece natural ou evidente é resultado de processos históricos e simbólicos que moldam o modo como pensamos e reconhecemo-nos como sujeitos.

Assim, a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua

no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (Orlandi, 1996, p. 16).

A misoginia tem uma proximidade discursiva muito forte com o patriarcado, pois ambos compartilham formações ideológicas que sustentam a hierarquização de gênero e a dominação masculina. Quando um sujeito reproduz enunciados misóginos, ainda que de forma aparentemente “brincalhona” ou “inofensiva”, ele aciona sentidos produzidos historicamente por esse sistema patriarcal, reafirmando a posição de subordinação da mulher.

#### **4 - IDEOLOGIA E SUA RELAÇÃO COM AMBIENTES MARCADOS PELA "LIBERDADE DE EXPRESSÃO"**

Compreender o discurso implica compreender também a ideologia que o atravessa. Para Pêcheux, a ideologia é o processo histórico e material de corte, sutura, apagamentos, silenciamentos etc., que "manuseiam" a significação.

Na perspectiva da Análise do Discurso, a ideologia não é compreendida como um conjunto de ideias conscientes ou doutrinas políticas, mas como o mecanismo invisível que organiza os sentidos e posicionam os sujeitos dentro da linguagem.

A ideologia que fornece as evidências pelas quais "todo mundo sabe" o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado "queiram dizer o que realmente dizem" e que mascaram, assim, sob a "transparência da linguagem", aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (Pêcheux, 1995, p. 160).

Quando algum sujeito fala, na verdade ele está reproduzindo significados ideológicos já estabelecidos e a linguagem nesse contexto não é neutra nem transparente: carrega discursos e ideologias que funcionam como instrumento de manutenção ou contestação de visões de mundo.

A ideologia, por sua vez, nesse modo de conceber, não é vista como conjunto de representações como visão de mundo ou como ocultação de realidade. Não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática

significante a ideologia aparece como efeito da relação necessária entre o sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. (Orlandi, 1996, p. 48)

As Formações Discursivas (conceito que veremos logo adiante) utilizam a ideologia para justificar determinados comportamentos, valores e discursos, ao mesmo tempo em que ignoram ou apagam aquilo que contraria suas crenças. Isso acontece porque a ideologia funciona como um sistema de seleção de sentidos, que evidencia uns e silencia outros, moldando a forma como os sujeitos percebem a realidade.

## 5 - SUJEITO E SUA “OPINIÃO PRÓPRIA”

O sujeito, diferentemente do indivíduo, é constituído nas relações sociais e culturais e a ideologia interpela (atravessa e constitui) os indivíduos como sujeitos (Pêcheux, 1995), fazendo com que se reconheçam e se formem a partir dos discursos (seu e dos outros) e adotem comportamentos alinhados às expectativas do sistema social ao qual está inserido.

A ideologia recruta os indivíduos, moldando-os como sujeitos sociais - personagens que "vestimos" - que aceitam esse recrutamento, mesmo acreditando agir por vontade própria. Essa mediação ocorre pela linguagem, já que a ideologia se manifesta nos significados atribuídos às palavras e nas formas de expressão e interpretação do mundo.

Se é verdade que a ideologia "recruta" sujeitos entre os indivíduos (no sentido em que os militares são recrutados entre os civis) e que ela os recruta a todos, é preciso, então, compreender de que modo os "voluntários" são designados nesse recrutamento, isto é, no que nos diz respeito, de que modo todos os indivíduos recebem como evidente o sentido do que ouvem e dizem, leem ou escrevem (do que eles querem e do que se quer lhes dizer), enquanto "sujeitos-falantes"... (Pêcheux, 1995, p.157).

O sujeito não percebe todas as forças sociais que o constituem; tende a esquecer essas determinações. Ele se torna sujeito ao se identificar com o discurso dominante que o constitui.

## 6 - FORMAÇÃO DISCURSIVA E A NATURALIZAÇÃO DE IDEIAS

As palavras não têm sentido fixo, seu significado depende de quem as utiliza e do contexto em que são empregadas, em qual discurso estão inseridas. Essa variação está ligada às posições ideológicas de quem fala. A relação entre linguagem e ideologia se manifesta na formação discursiva, um conjunto de regras e limites que determina o que pode ser dito em determinado contexto.

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito. (PÊCHEUX, 1995, p.160).

Cada formação discursiva corresponde a uma maneira específica de compreender o mundo ou um determinado assunto. A língua é apenas a base, o sentido efetivo das palavras emerge quando se inserem no processo discursivo e ideológico. Conclui-se que as palavras adquirem significado dentro de um contexto discursivo, com suas respectivas condições de produção de sentido. Um termo pode assumir sentidos distintos em discursos diferentes, conforme a ideologia que o sustenta. A isso chamamos formação discursiva, um regime de dispersão e distribuição de sentidos no seio de um contexto ideológico mais ou menos fechado, isso porquê se dá por meio de regularidades e rituais, mas também poroso, por sempre se abrir, ainda que minimamente, a outros discursos.

Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. No entanto, é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. (ORLANDI, 1996, p.44)

O processo discursivo é, portanto, dinâmico: o sentido é continuamente construído e transformado conforme as condições de produção e a ideologia. Assim, o sujeito se forma e age de acordo com as possibilidades que uma formação discursiva lhe oferece: aquilo que pode ver, compreender, desejar ou temer.

É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. (ORLANDI, 1996, p. 44)

A partir da análise do discurso é possível compreender o que está por trás de tanta reprodução de ódio e violência nas redes sociais, principalmente pensando em jovens.

## **7 - O SILÊNCIO COMO NECESSIDADE DE CALAR**

Na Análise do Discurso, o silêncio não pode (e não deve) ser entendido como mera ausência de fala. Embora historicamente associado ao “nada”, o silêncio, para a AD, é também parte constitutiva do sentido: ele diz, sustenta e produz significados, muitas vezes dizendo tanto quanto, ou até mais do que, o que é efetivamente enunciado. “Então, ao invés de pensar o silêncio como falta, podemos, ao contrário, pensar a linguagem como excesso” (ORLANDI, 1997, p.31).

No início, era como se o silêncio antecedesse a linguagem, configurando o espaço a partir do qual o dizer pode emergir. A linguagem, então, instaura-se como um gesto que busca separar, distinguir e, de certo modo, “sedentarizar” o fluxo contínuo do sentido. Nesse processo, o silêncio não desaparece: ao contrário, ele atua como força que estabiliza esse movimento, sustentando a passagem do dizível e do não dizível (Orlandi, 1997).

É justamente essa presença silenciosa que permite a organização do dizer, constituindo uma das condições necessárias para que o sentido de um discurso possa emergir. “Quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio: há o “pensamento”, a introspecção, a contemplação e etc” (ORLANDI, 1997, p.35).

Na AD, o silêncio é distinguido em duas formas principais: o silêncio fundador e o silenciamento. O silêncio fundador representa o princípio da significação, pois opera na dimensão do não-dito, aquilo que precisa permanecer silenciado para que a linguagem possa se constituir. É justamente a presença desse silêncio que possibilita a emergência do sentido e garante que ele nunca seja totalmente fixo, permitindo movimentos contínuos de significação. Em outras palavras, o silêncio fundador sustenta a própria abertura do sentido, tornando possível que o discurso se produza e se transforme. “Compreender o silêncio é explicitar o modo pelo qual ele significa” (ORLANDI, 1997, p.50).

Portanto, o silêncio fundante está diretamente ligado à ideia de que o homem está fadado a significar (ORLANDI, 1997, p. 29), então, como afirmado anteriormente, até naquilo que é não-dito existe um significado.

Enquanto o silêncio fundador sustenta a emergência do sentido, permitindo que ele se mova e se transforme, o silenciamento assume uma dimensão política e atua de forma oposta. Na prática, esse mecanismo impede a circulação de significados indesejáveis, limitando o dizer e interferindo diretamente na constituição da identidade do sujeito.

## **8 - MISOGINIA: DISCURSO EXPLÍCITO DE ÓDIO ÀS MULHERES**

A misoginia, entendida como o ódio, desprezo ou discriminação contra mulheres, é um fenômeno histórico que se reinventa e se perpetua como um discurso. Hoje em dia, especialmente com o advento das redes digitais, esse ódio assume novas formas e intensidades, expressando-se como ataques que buscam silenciar e punir o feminino, direta ou indiretamente.

O ambiente digital potencializou tais discursos, trazendo a discussão sobre até onde vai a liberdade de expressão. Um estudo conduzido pelo Laboratório de Estudos de Internet (NetLab) da UFRJ, em parceria com o Ministério das Mulheres, analisou, entre 2018 e 2024, um total de 137 canais do YouTube dedicados à disseminação de diferentes tipos de discurso de ódio contra as mulheres. Esses

canais, somados, alcançaram cerca de 3,9 bilhões de visualizações e, em sua maioria, contam com algum tipo de monetização vinculada ao conteúdo. “Não é possível limitar o campo de atuação da misoginia. Uma de suas principais características é se adaptar às sociedades e aos períodos históricos” (NUNES, 2025, p.6).

Por isso, torna-se fundamental compreender como a ideologia se manifesta na linguagem e como o discurso histórico que representa a mulher como inferior ao homem ainda ressoa nas práticas sociais e, agora, também nas digitais

Assim, a violência de gênero não é apenas vivenciada no Brasil. Independente do grau de desenvolvimento, ela está presente na cultura de todos os países do mundo, porém pode se expressar em maior ou menor escala. Muitas vezes, esta violência é reflexo de comportamentos irrefletidos e infelizmente aprendidos histórica e socialmente em instituições como igreja, escola, família e Estado que contribuem diretamente para a opressão masculina sobre a feminina. (Silva, Azevedo, Daróz, 2022, p.3)

É importante lembrar que o ódio de gênero não é um caso isolado entre jovens na internet, mas uma construção histórica sustentada por discursos anteriores que produziram e produzem sentidos.

## **9 - O CORPUS DE ANÁLISE EM UM AMBIENTE DIGITAL IMPULSIONADO PELO ALGORITMO**

Na Análise do Discurso (AD), o corpus de análise corresponde ao conjunto de materialidades simbólicas selecionadas de modo intencional para a investigação discursiva. Trata-se de um recorte construído pelo pesquisador (na presente pesquisa serão prints da rede social X) a partir de seus objetivos e problemáticas, de modo que o corpus não é apenas uma reunião de dados, mas um espaço de sentidos em que se observam efeitos ideológicos presentes na linguagem.

A delimitação do corpus não segue critérios empíricos (positivistas) mas teóricos. Em geral distinguimos o corpus experimental e o de arquivo. Quanto à natureza da linguagem devemos dizer que a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra, etc. (ORLANDI, 1996, p. 62)

A escolha por materialidades simbólicas extraídas do X justifica-se pela expressiva presença de jovens nesses espaços, bem como pela natureza muitas vezes anônima ou pseudônima, que favorece a disseminação de discursos extremistas.

Os prints foram adquiridos de maneira etnográfica, e serão analisados a partir dos pressupostos da Análise do Discurso (AD). Esse método é fundamental para compreender como se formam e se sustentam os discursos misóginos na sociedade. Assim, o objetivo central é compreender de que forma discursos sociais mais amplos e anteriores se atualizam e se manifestam nas práticas discursivas digitais analisadas, revelando como a ideologia opera na produção e na reprodução do ódio de gênero.



### Print 1

A matéria publicada pelo perfil @republiqueBRA, apresenta um conteúdo informativo, descrevendo que uma comissão da Câmara aprovou um projeto que permite ao juiz determinar o pagamento de pensão alimentícia via PIX, com débito automático quando houver saldo na conta do devedor. O texto busca aparentar neutralidade jornalística e destaca uma medida cujo objetivo declarado é agilizar e garantir o cumprimento da responsabilidade parental, impactando especialmente mulheres, que são maioria entre as responsáveis legais pelos filhos.

Do ponto de vista discursivo, o uso de elementos visuais, a foto da deputada, a imagem do martelo jurídico e da mamadeira, reforça a associação entre política, justiça e cuidado infantil, construindo um enquadramento simbólico que conecta a

figura parlamentar a temas de responsabilidade social e proteção familiar. Esse enquadramento tende a suscitar debates ideológicos, especialmente em ambientes com forte polarização. Assim, embora a postagem seja informativa, ela funciona como ponto de partida para reações políticas intensificadas por disputas ideológicas mais amplas, sobretudo aquelas relacionadas a gênero. O uso do caps lock na reportagem demonstra a necessidade de afirmar certos termos dentro da notícia.

Já o post analisado evidencia um gesto de incômodo e rejeição diante das decisões políticas de uma deputada mulher. O uso do caps lock funciona como um marcador discursivo de ênfase, uma tentativa de amplificar a força do enunciado e de impor seu ponto de vista, como se “gritasse” no espaço digital. Esse recurso revela um posicionamento afetivo e ideológico: o sujeito, ao intensificar certas palavras demonstra não apenas discordância, mas também indignação diante da autoridade exercida por uma mulher em posição de poder.

Essa mesma lógica é observável em outros contextos, como o tratamento dado a Dilma Rousseff, exemplo emblemático de como a presença de uma mulher em um cargo de liderança política foi marcada por discursos que a representavam como “incompetente” ou “burra”.

Anta



Presidenta Dilma Rousseff (a Mulher Sapiens que estoca vento). Parece com a Susan Boyle.

(Reprodução: Wikinet, 2025)

Como destaca Silvia Federici (2004, p.183), ao analisar o contexto histórico da transição do feudalismo para o capitalismo, “foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens – excessivamente emocionais e luxuriosas, incapazes de se governar – e tinham que ser colocadas sob o controle masculino”. Esse recorte histórico ajuda a compreender como discursos anteriores

atravessam os discursos contemporâneos, e os atualizam em, ainda hoje, representações antigas sobre o lugar da mulher.

Quando mulheres conquistam visibilidade e autoridade em espaços tradicionalmente masculinos, tornam-se alvo de estratégias discursivas de desqualificação, como a associação à promiscuidade ou à burrice. O sujeito analisado, ao chamá-la de “puta feminista” e “vadia”, busca recolocá-la no lugar simbólico da submissão e da sexualização, reduzindo seu valor à vida privada e sexual. Essa prática discursiva não é isolada: ela evidencia a reprodução de um discurso de ódio de gênero, sustentado por uma ideologia patriarcal que reage à perda de privilégios e tenta reafirmar a supremacia masculina por meio do discurso misógino.

Quando enunciamos, não apenas descrevemos o mundo: inscrevemo-nos nele. Cada ato de fala é também um ato de posicionamento. Ao atribuir um rótulo depreciativo a alguém, o sujeito produz menos uma caracterização do outro do que uma autoinscrição ideológica, revela o lugar de onde fala, os valores que mobiliza e as hierarquias que tenta restaurar.

Nesse sentido, chamar de “vadia” uma mulher que propõe uma política destinada justamente a proteger outras mulheres e crianças contra a inadimplência paterna não é um simples insulto pessoal; é assumir uma posição discursiva que se alinha à lógica do próprio sujeito que a política pretende responsabilizar.

E cada vez mais fica óbvio o quanto as mulheres  
PEDEM pra tomar no cu e aparecer em pedaços no  
mato. Negam negam negam mas elas sempre  
demonstram o mesmo encanto por essa raça de  
vagabundos que trata elas que nem lixo

Esses mictórios ambulantes MERECEM tudo de  
ruim que acontece



Print 2

Essa postagem retuitada expressa um discurso misógino e violento, em que a vítima de um feminicídio é responsabilizada por sua própria morte. Utilizando uma notícia real, em que uma jovem contraria sua família para viver com um namorado envolvido no crime organizado acaba tragicamente assassinada, o autor do tweet generaliza o caso para atacar todas as mulheres, afirmando que elas pedem para sofrer tais violências. Além de justificar o crime, ele utiliza termos para desumanizar e reduzir as mulheres, negando empatia ou dignidade a elas.

Observa-se, por exemplo, o uso de expressões como “mulheres pedem para aparecer em pedaços no mato”, que desloca a responsabilidade do agressor para a vítima, naturalizando o feminicídio como resultado de uma suposta escolha ou provocação feminina. Já o termo “raça de vagabundos”, ao se referir a um traficante, revela uma postura de julgamento moral muito comum para o conservadorismo brasileiro. Além disso, o mictório é, no uso cotidiano, um objeto destinado à urina masculina, um espaço público, impessoal, utilitário, geralmente associado a banheiros masculinos. Ao chamar mulheres de “mictórios ambulantes”, o sujeito projeta sobre elas uma visão profundamente desumanizadora, reduzindo-as a objetos de uso masculino, cuja função seria servir ao prazer ou à descarga do homem.

Na Análise do Discurso (AD), o sujeito é um ser atravessado pela ideologia. Isso significa que ele fala a partir de formações discursivas, ou seja, de conjuntos de sentidos social e historicamente construídos, que moldam sua maneira de ver e significar o mundo. No caso deste tweet, o sujeito não se apresenta apenas como um indivíduo emitindo uma opinião pessoal, mas como alguém interpelado por uma formação discursiva misógina. Essa formação o leva a reproduzir sentidos que culpabilizam as mulheres pela violência que sofrem e reforçam a lógica da dominação masculina.

Mulher da bolha merece é bala na cara e nas caixas do pulmão com direito a decapitação com faca azadas no pescoço, bom dia



### Print 3

O enunciado em análise faz menção a execuções com arma de fogo, decapitações e ataques com faca, direcionados de maneira generalizada a um grupo denominado “mulheres da bolha”. O tom da publicação, que inclui uma saudação cotidiana (“bom dia”), evidencia a banalização da ameaça, configurando um processo de naturalização do discurso de ódio.

Ainda que a arma não pertença ao autor, a enunciação constrói a imagem de um sujeito que pode ameaçar, e que encontra legitimidade para fazê-lo dentro de sua formação discursiva. A conjugação entre o léxico violento e a saudação banal (“bom dia”) não é casual: ela opera a partir de uma lógica discursiva de normalização da violência, em que a ameaça é revestida de ironia, humor ou cotidianidade, disfarçando o caráter agressivo da enunciação.

O gesto de apontar o revólver faz com que o indivíduo se imagine e se represente como portador de poder, autoridade e virilidade. Assim, o discurso não apenas ameaça: ele reafirma um valor social compartilhado em certos grupos, o de que portar ou exibir armas é sinal de poder e legitimidade.

Essa relação entre masculinidade e armamento não é nova, ela se apoia em discursos que remontam à tradição patriarcal e militarizada da sociedade, agora reatualizada no espaço digital. O sujeito do discurso não é a origem do sentido, mas o lugar de sua atualização. O autor do post inscreve, portanto, sentidos já disponíveis na história social: o da violência como atributo masculino e o da arma

como extensão do corpo do homem, metáfora que confere à violência um valor simbólico de identidade e pertencimento.

mulheres deviam viver em uma cadeia e só poder  
sair quando se provarem gente de verdade

22:59 · 30/04/2025 · 3,4k visualizações

#### Print 4

A frase “mulheres deveriam viver em uma cadeia” evidencia uma metáfora de aprisionamento que extrapola o sentido literal e se projeta sobre a representação social do feminino. O discurso sugere que o lugar natural da mulher é o confinamento, físico ou simbólico, enquanto o homem ocupa o lugar de quem julga, pune e define o que é ser “gente de verdade”. Essa estrutura enunciativa reproduz o funcionamento da ideologia patriarcal, algo que se manifesta na linguagem por meio de gestos de exclusão e silenciamento: a mulher é interdita, colocada em uma posição de não-sujeito do discurso. Além disso, a ausência de censura ou autocrítica no ato enunciativo revela o efeito da impunidade.



#### Print 5

A publicação analisada resulta da interação entre dois tweets distintos. O segundo tweet, resposta e foco desta análise, é produzido por um dos indivíduos implicados na denúncia, que, em vez de refutar o comportamento apontado, o justifica e o naturaliza, legitimando uma conduta criminal e socialmente condenável.

Sob o ponto de vista jurídico, vale ressaltar que o Código Penal Brasileiro e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990, artigos 240 a 241-E, tipificam como crime qualquer ato de exploração sexual, produção, divulgação ou apologia da pedofilia. Tais práticas atentam contra os direitos fundamentais das crianças e adolescentes, previstos no artigo 227 da Constituição Federal, que estabelece ser dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à dignidade, ao respeito e à proteção contra qualquer forma de violência, crueldade e opressão.

No caso analisado, o autor do tweet se inscreve em uma formação ideológica de dominação masculina e sexualização da infância, reproduzindo sentidos historicamente produzidos e socialmente reprimidos, mas que encontram, nas redes digitais, um espaço de circulação e legitimação. Ao afirmar que “mulheres adultas são sem sal”, o sujeito dá ênfase ao desejo por crianças, com o intuito de parecer apenas uma preferência pessoal, ou seja, ele fala “livremente”, acreditando exercer seu direito de expressão, quando na verdade está reproduzindo posições discursivas que legitimam a opressão e o crime.

Mas, infelizmente, ao circular nas redes, esse discurso ganha novo contorno já que, o ambiente digital, estruturado pela lógica do engajamento e da visibilidade, cria condições de produção que favorecem a reiteração e banalização de discursos violentos, permitindo que o intolerável se apresente como apenas “mais uma opinião”.

Para mim mulher é merda, e se não tivesse buceta  
eu não dava nem bom dia

19:57 · 17/05/2025 · 50 visualizações



## Print 6

O material em análise apresenta um tuíte acompanhado de duas respostas. No caso em análise, o sujeito do discurso se constitui a partir de uma posição

ideológica patriarcal e misógina, em que o valor da mulher é definido unicamente em relação ao desejo masculino. A afirmação “às vezes eu estupro” não deve ser interpretada como uma simples provocação individual, mas como a manifestação de uma posição discursiva que naturaliza a violência sexual como expressão de poder. O sujeito se reconhece e é reconhecido em uma formação discursiva que legitima a dominação masculina, e sua enunciação é a atualização de sentidos já sedimentados na memória social.

O diálogo entre os usuários também revela o funcionamento da ideologia na constituição do sujeito. O segundo interlocutor, ao ironizar a ideia de tratar mulheres com respeito, reforça a mesma posição do sujeito anterior, sustentando a identidade masculina como oposição à sensibilidade ou empatia, atributos desvalorizados nesse contexto. Assim, o sujeito não se constitui isoladamente, mas dentro de uma rede discursiva que o confirma, o reconhece e o mantém ideologicamente coeso.

Portanto, esse enunciado não representa apenas uma agressão verbal, mas a materialização discursiva de uma posição de sujeito violento, constituído pela ideologia patriarcal e sustentado pela legitimação social que as redes digitais oferecem. O discurso não apenas expressa a violência, ele produz e reproduz a própria estrutura de poder que a torna possível.

## **10 - CONCLUSÃO**

A partir das análises realizadas, é possível concluir que os discursos misóginos observados nos prints não constituem manifestações isoladas, mas discursos que atravessam a sociedade e se atualizam nas interações digitais. Sob a ótica da AD, compreende-se que o sujeito que enuncia nesses espaços não fala apenas em nome próprio, mas a partir de uma posição ideológica que o “autoriza” a reproduzir sentidos de inferiorização e violência contra a mulher.

A análise evidencia, portanto, que o discurso misógino nas redes não se limita a uma questão de opinião individual, mas é resultado de um processo ideológico

coletivo que sustenta a desigualdade de gênero e a violência simbólica contra as mulheres. Nesse contexto, torna-se urgente discutir a regulamentação das redes sociais e a responsabilidade das plataformas na moderação e transparência dos conteúdos que circulam. A ausência de mecanismos eficazes de controle contribui para a perpetuação de um ambiente em que o ódio e a violência são tratados com normalidade.

Em síntese, o estudo revela que os discursos de ódio dirigidos às mulheres, ao circularem livremente nas redes, reforçam práticas históricas de exclusão e dominação. Compreendê-los a partir da Análise do Discurso é um passo essencial para desnaturalizar esses sentidos e abrir caminho para a construção de espaços comunicacionais mais éticos, conscientes e igualitários.

**Femicídio: quatro mulheres são assassinadas por dia no Brasil**

Foram 1.459 vítimas em 2024; Rio de Janeiro e São Paulo são as cidades com maior quantidade de vítimas no período

Ana Julia Bertolaccini, da CNN\*, em São Paulo

(Reprodução: CNN, junho de 2025)

A manchete informa que quatro mulheres são assassinadas por dia no Brasil e que, apenas em 2024, já foram registradas 1.459 vítimas. Um fenômeno que mata quatro mulheres diariamente não pode ser tratado como algo raro ou acidental, por isso a importância dessa pesquisa. Quando se tenta individualizar cada caso, reduzindo assassinos e estupradores a “bandidos isolados”, o efeito é justamente apagar o fato de que existe um padrão. Esse padrão é contínuo, previsível e numericamente constatável. E quando há padrão, há estrutura. Esses crimes não ocorrem no vácuo: eles se alimentam de uma cultura que naturaliza a violência contra mulheres, que desumaniza, ridiculariza, culpabiliza e trata vidas femininas como descartáveis.

**REFERÊNCIAS:**

**ADOLESCÊNCIA.** Direção: Stephen Graham e Jack Thorne. Produção: Philip Barantini. Inglaterra: Netflix, 2025. Streaming.

BARBOSA, Caroline Leão; SILVA, Silvânia Sousa da. **O discurso de ódio nas redes digitais e a universidade pública.** *Revista Intertérios*, v. 7, n. 2, p. 231–245, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://intertorios.uneb.br/index.php/intertorios/article/view/9400>. Acesso em: 18 maio 2025.

BBC News Brasil. **Por que o Discord tem sido terreno fértil na internet para crimes de extremismo.** *BBC*, 12 maio 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckg2gdkq375o>. Acesso em: 19 maio 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo.** São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CNN Brasil. **“Femicídio: quatro mulheres são assassinadas por dia no Brasil”.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/femicidio-quatro-mulheres-sao-assassinadas-por-dia-no-brasil/>. Acesso em: 30 novembro 2025.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Tradução do Coletivo Sycorax. [S. l.]: Coletivo Sycorax, 2004. Disponível em: <http://coletivosycorax.org/indice/>. Acesso em: 18 out. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989. Disponível em: [https://monoskop.org/images/3/39/Geertz\\_Clifford\\_A\\_interpretacao\\_das\\_culturas.pdf](https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf). Acesso em: 19 maio 2025.

**G1. Condenado por criar grupo no Discord para cometer crimes monetizava conteúdo.** *G1*, Rio de Janeiro, 5 jul. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/07/05/condenado-por-criar-grupo-no-discord-para-cometer-crimes-monetizava-conteudo.ghtml>.

Acesso em: 19 maio 2025.

NETLAB UFRJ; MINISTÉRIO DAS MULHERES. **Aprenda a evitar ‘este tipo’ de mulher: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube.**

Rio de Janeiro: NetLab UFRJ, 2024. Acesso em: 21 outubro 2025.

NUNES, Petrina Moreira. **FAKE NEWS E A PROPAGAÇÃO DE MISOGINIA NA POLÍTICA.** [Revista Políticas Públicas e Cidades], 2025. Disponível em:

<https://doi.org/10.23900/2359-1552v14n6-33-2025>.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos.** 8. ed. Campinas: Pontes, 2005. 100p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6. ed. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso (AAD-69).** In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* 3. ed. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1997.

SILVA, Maria Aparecida da; PEREIRA, João Carlos. **A netnografia como metodologia de pesquisa.** *Revista Científica UNIESP*, v. 10, n. 2, p. 45–58,

jul./dez. 2016. Disponível em: [https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170509161801.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509161801.pdf). Acesso

em: 19 maio 2025.

SILVA, Lucilla Rafaella Pacheco da; AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de; DARÓZ, Elaine Pereira. **A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM**

**DISCURSOS E PRÁTICAS: (RE)LENDO PÊCHEUX.** [Policromias - Revistas de Estudo do Discurso Imagem e Som], 2025. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/56205/30674>.

**SOUZA, Cláudia Pereira de; LEITE, André Ferreira. Nota editorial – Práticas de discurso e redes digitais: entre sociabilidades, resistências e violências.**

*Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 23, n. especial, p. 1–4,

2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/diadorim/article/view/60878>. Acesso em: 18 maio

2025.

X (Twitter), “**Central de Ajuda / FAQ para novos usuários**”. Disponível em:

<https://help.x.com/pt/resources/new-user-faq>. Acesso em: 30 novembro 2025.